

# Favelado quer ser transferido

Fotos: Ichiro Guerra

MÁRCIA DELGADO

As 87 famílias que moram na chácara Boa Esperança, em Planaltina, pedem socorro. Há quatro anos, elas esperam sair das condições subumanas em que vivem. Esgoto a céu aberto, falta de água encanada em casa, crianças desnutridas e doentes são situações corriqueiras na vida dessas pessoas. “A gente se sente como porcos jogados no chiqueiro”, desabafa o carroceiro Raimundo Nonato Aguiar, que vive há três anos no local. Mesmo diante do drama, os moradores da Boa Esperança, ou favela da Vila Buritis, vivem na esperança de serem transferidos o mais breve possível.

Quem chega na chácara se impressiona com o mau-cheiro, provocado pelo esgoto que corre pelas vielas e ainda pelo lixo espalhado por todos os cantos. “É difícil demais viver no meio dessa podridão. Às vezes, nem almoço, pois não me sinto bem com o mau-cheiro”, conta a dona-de-casa Mariene Moreira da Silva. As crianças são as que mais sofrem com a falta de infraestrutura básica na favela, que fica próxima à quadra 6 da Vila Buritis. “A gente vive correndo com elas para o hospital. É diarreia e febre direto”, destaca a diarista Zelinda Braga Dias, mãe de quatro filhos.

**Torneiras** — Água na favela só nas torneiras comunitárias. Assim mesmo, tem semana, garantem os moradores, que não sai uma gota nos canos. O jeito é apelar para um córrego que corta a extremidade da chácara e que serve para escoamento de dejetos dos moradores das quadras próximas. “A gente lava roupa e banha as crianças aí”, confessa a dona-de-casa Lúcia da Cruz, uma jovem de 23 anos, que já tem cinco filhos, sendo o mais velho com 6 anos e o mais novo com quatro meses de idade.

Ontem à tarde, Lúcia lutava com uma de suas filhas, Ana Carolina, de um ano de idade, que estava com febre alta. “É sempre assim. Quando um melhora o outro aparece com alguma doença”, conforma-se. Lúcia mora com os cinco filhos e o marido em um barraco feito de ripas de madeira e coberto com telhas de amianto, que mede cerca de 3,5 metros quadrados. Com tão pouco espaço, quarto e cozinha se misturam. O calor dentro do barraco, que não tem nenhuma janela, é insuportável.

Lúcia vive um drama comum entre os moradores: a falta de emprego. “Não temos dinheiro nem para pagar a conta de luz, que é de R\$ 21. Assim como ela, outros moradores não estão tendo como desembolsar essa quantia. A energia elétrica na favela é rateada entre os usuários. A conta da CEB deste mês foi de R\$ 1.300. “A CEB vai cortar a luz, porque a gente não consegue reunir esse dinheiro para pagar a conta”, lamenta Zelinda Dias.



Moradores dos barracos dizem que a falta de água e o esgoto a céu aberto deixam as crianças doentes